



GT 25: Arte, Cultura Material, Técnica e Cosmovisão latino-americana

Crochê *Jacquard*: etnografando uma referência cultural na cidade de Jaguarão-RS

Miriel Bilhalva Herrmann - PPGANT- UFPEL

Flávia Rieth - PPGANT- UFPEL

Luciene Mourige Barbosa -PPGANT- UFPEL

Crochê *Jacquard*: etnografando uma referência cultural na cidade de Jaguarão-RS

Miriel Bilhalva Herrmann – Universidade Federal de Pelotas

Flávia Rieth – Universidade Federal de Pelotas

Luciene Mourige – Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente trabalho consiste na pesquisa de mestrado em andamento sobre o saber-fazer do artesanato em lã crua produzido por artesãs na cidade de Jaguarão, RS. Embora sejam empregadas diversas técnicas para a confecção de peças de lã, para este estudo é dada ênfase ao crochê *jacquard*, realizado somente nesta localidade e por mulheres. Por intermédio deste ofício temos a construção de uma referência cultural em processo de Inventário junto ao IPHAN que particulariza Jaguarão na região fronteira no pampa brasileiro. Esse saber-fazer é uma atividade manual onde o artesão faz todo o processo de manufatura, da retirada da lã até o artefato final. Na materialidade resultante desse artesanato a peça em lã crua é tecida a partir das experiências, reciprocidades, subjetividade e criatividade das artesãs. Nesse contexto, através da pesquisa etnográfica, busca-se compreender a produção do artesanato em lã e os aspectos que o constituem como a transmissão de saberes, as relações existentes entre as artesãs e grupos de artesãs e como as peças estão inseridas no cotidiano da comunidade em uma região criadora de ovinos. A pesquisa está vinculada ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)-Lida Campeira que busca identificar, descrever e reconhecer as lidas realizadas no campo sul-rio-grandense, como a criação de bovinos, ovinos e eqüinos e os saberes e modos que envolvem esses trabalhos, como referência na constituição da cultura pampeana e para o patrimônio cultural brasileiro.

Palavras-chave: artesanato em lã, crochê em *jacquard*, materialidade

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na pesquisa de mestrado em andamento sobre o saber-fazer do artesanato em lã crua produzido por mulheres na localidade de Jaguarão-RS, procurando abranger o processo artesanal, que começa com a produção de ovinos até a feitura das peças, que compreende diversas relações entre humanos, objetos e conhecimentos. Dando ênfase para a técnica do crochê em *Jacquard* que particulariza a localidade, o estudo está vinculado ao

Inventario Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lida Campeira. O INRC Lida Campeira busca identificar, descrever, reconhecer os trabalhos realizados no campo sul-rio-grandense, como a criação de bovinos, ovinos e eqüinos e os saberes e modos que envolvem esses trabalhos, como referência na constituição da cultura pampeana e para o patrimônio cultural brasileiro. Por meio de pesquisas que estavam sendo realizadas pelo INRC, a pesquisa se ampliou no sentido de perceber no crochê em *jacquard* não como um conhecimento isolado, mas que está em relação com o fluxo, como uma malha, que se entrelaça com o campo, conhecimentos, animais, pessoas, materiais.

A cidade de Jaguarão localiza-se no extremo sul do Rio Grande do Sul, região do Alto Camaquã e faz fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai. Seu território localiza-se numa extensão do bioma pampa, que compreende a metade sul do Estado, assim como parte da Argentina e Uruguai. A sua formação se iniciou através de um acampamento militar em 1802, constituído para a proteção da fronteira que estava se estabelecendo. Constituindo-se como uma localidade de trocas entre uruguaios e brasileiros, de um comércio fronteiriço baseado na pecuária e agricultura. Na área do agronegócio, está ligada especialmente a produção de arroz e soja e na pecuária se destacam os rebanhos de bovinos e ovinos, a pecuária de ovinos é predominantemente de pequenos produtores familiares. Nesse sentido Jaguarão está entre as cidades do Estado do Rio Grande do Sul produtoras de lã, para tanto possui a Cooperativa de Lãs Mauá, conseqüentemente com abundância de matéria-prima disponível, propiciou o desenvolvimento do artesanato em lã.

Embora o artefato/objeto artesanal seja um produto e deva ter a justa valorização nas relações comerciais, o artesanato não é simplesmente uma mercadoria, pois nele estão intrínsecos as transmissões de conhecimento, as narrativas vividas, os valores, as crenças e toda uma série de relações sociais e culturais de um grupo, de uma localidade ou de uma região. O tecer já era exercido pelas culturas indígenas, anterior à chegada dos colonizadores, pois teciam com diferentes tipos de fibras, como o algodão. Logo com a vinda dos padres jesuítas em meados do século XVII, foram introduzidas outras técnicas de fiação e a tecelagem em teares rústicos, com a introdução de ovinos pelos colonizadores, utilizando-se assim da lã de ovelha. A tecelagem é um trabalho

artesanal que envolve diversas técnicas que são realizadas predominantemente por mulheres (EGGERT, 2011). É um saber-fazer que tem maior expressividade nas regiões da campanha, devido a tradição na criação de ovinos.

As artesãs da cidade de Jaguarão/RS realizam o artesanato em lã, desenvolvem e confeccionam peças diversificadas, das quais se destacam elementos do vestuário regional como ponchos, palas e ruanas, característicos da indumentária da região da campanha e utilizados na lida campeira, peças que são identificadas como símbolo do ser “gaúcho”.

No Rio Grande do Sul, o artesanato em lã, técnica artesanal que mais se destaca, pois este ofício constitui uma referência cultural no Estado, uma vez que este é o maior produtor de lã do Brasil, sendo responsável por mais 90% da produção nacional segundo dados do IBGE (2016). De acordo com Kosby e Silva (2013) a criação de ovelhas é característica de regiões do pampa e campanha, faz parte da pecuária familiar, utilizando a sua carne para o consumo diário e local e a lã na utilização para o artesanato confeccionando diversas peças, tanto utilitárias como decorativas. Esse saber-fazer, o tecer fios de lã inicia da necessidade de se proteger do frio. Dessa forma as mulheres no meio rural produziam peças como ponchos, cobertores, xergão, mantas, entre outros, “como regra geral”, no Estado, “o trabalho masculino se desenvolve na lida de campo com o gado, enquanto o trabalho feminino se volta para as lides domésticas” (BARBOSA LESSA, s.d., p. 108 apud EGGERT, 2011, p.61- 63). Estas lides ou trabalhos eram passados já na infância para as meninas, de geração em geração, eram diversas atividades manuais atribuídas ao espaço privado.

Barbosa Lessa destaca que as mulheres tinham grande habilidade com trançados, inicialmente teciam fios grossos em teares rústicos, xergões, ponchos, cobertores, faziam diversas peças para o uso da família, atualmente são produzidas peças mais leves, e os ponchos popularizaram e começaram a serem utilizados por mulheres, crianças, pois eram utilizados somente em áreas rurais por homens para combater o frio (EGGERT, 2011). Lody (1983) nota que o poncho gaúcho feito manualmente eram peças utilizadas por

homens pobres e que a classe de estancieiros mais abastados usavam ponchos de lã industrializada.

Conhecer o artesanato em lã implica seguir um caminho que inclui uma grande variedade de técnicas, saberes e fazeres, um pluriverso, que inclui diferentes tipos de lã, materiais, formas de fazer e produtos. A construção do conhecimento também se faz presente no engajamento com as coisas, por sua vez conjuntas às atividades práticas e cotidianas. Em consonância com as concepções teóricas de Tim Ingold (2007), as coisas têm suas vidas estendidas por múltiplas linhas compostas por fluxos de materiais e contínuos movimentos e nos contam histórias.

O pensamento ocidental está edificado na divisão do mundo em dois: humanidade e natureza, seres ou coisas que pertencem ao domínio da Humanidade (cultura), enquanto outros que pertencem a ordem natural (natureza). Esta segregação dos seres nessas camadas distintas - natureza e cultura - é apontada por Latour como não mais existente, pois os seres são libertados e vistos enquanto participantes de um mundo comum, o mundo coletivo (LATOURE, 2001, p.23).

Corroborando com as concepções de Tim Ingold, o habitar nesse mundo coletivo, juntamente com a perspectiva da vivência (dwelling - perspective) estão associados a atividades (task), tecnologias, mobilidades e a um engajamento criativo e orgânico, pois traz para si um fluxo de vida que alimenta capacidades de interação e aprendizados, mnemônicas¹, de sentidos e sentimentos diversos (INGOLD, 2000).

E nesse contexto insere-se o artesanato de lã produzido pelas mulheres em Jaguarão, um ofício que possui em sentido prático, um aprendizado que se desenvolve de modo informal, por meio da observação e da prática de aprender a fazer (INGOLD, 2010). Essas capacidades de aprendizado, as tecnologias e a mobilidade das peças confeccionadas, juntamente com dualismo artesã e objeto em algumas circunstâncias podem ser abordadas de forma limitada. A fim de se distanciar desta visão reducionista, de sujeito em

¹ Técnica, como por exemplo a associação de ideias, que facilita a memorização de informação. "mnemónica", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/mnem%C3%B3nica> [consultado em 16-06-2019].

oposição ao objeto, Bruno Latour diz que é preciso direcionar o olhar para o fato de que, enquanto essa oposição proibia a troca de propriedades, a dualidade humano e não humano faz essa permuta ser necessária, na medida em que elas “permitirão preencher o coletivo de seres dotados de vontade, liberdade, de palavra e de existências reais” (LATOURE, 2004, p. 120).

Seguindo por esta perspectiva, Latour enfatiza que os “humanos e não humanos”, podem permutar suas propriedades, com a finalidade de compor em comum a matéria-prima do coletivo (LATOURE, 2004, p. 119). É o que se observa em relação ao artesanato produzido com lã crua feito em Jaguarão pois, na relação de humanos – não humanos (pessoas e animais, neste caso as ovelhas), nos elementos materiais e materialidades das peças confeccionadas estão intrínsecos gestos, técnicas, habilidades, conhecimentos, mobilidades que apontam para os humanos que têm competências e experiência ligados a ofícios diferentes, como por exemplo o criador de ovelhas, esquilador, veterinários, artesãos, comerciantes, Emater, Senar, entre outros.

OS MATERIAIS NA VIDA

Lançando o olhar sobre o artefato – a peça em lã, pelo viés traçado por Ingold, temos como produto final uma “coisa”. A coisa é um “acontecer”, um lugar onde diversos “acontecimentos” se entrelaçam e ela não é um só fio, mas um agregar de fios da vida (INGOLD, 2007; 2012, p.26). Assim como a coisa de Ingold é esse artesanato em lã, a cada fio agregado para tecer a peça, quer seja por meio de teares ou pelas mãos das artesãs, entrelaçam-se as linhas de suas vidas cotidianas, num emaranhado de vivências, memórias e conhecimentos. A peça feita em lã, artefato final, é uma coisa que traz em si a multiplicidade de materiais, de matérias, de relações.

O pala, não é somente um pala, mas sim o artefato resultante da dualidade humanos e não humanos, num mundo coletivo onde tudo está em relação. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião é seguir os materiais procurar entender como eles fluem e se coisificam – sem um privilégio da ação humana sobre os materiais. Ao invés do desenho mental projetado pela artesã, por que não voltamos nossa atenção

também para a lã e observar seu engajamento com os materiais (INGOLD, 2012). Assim, em entendimento com as idéias de Ingold, convidamos o leitor a observar a coisa e o chamamos para seguir o fluxo dos materiais que, nesse contexto, se dá nos caminhos da lã. Pela narrativa da dona Cenilza, artesã jaguareense, começamos a “desenrolar o velo”:

A ovelha nós tirava a lã, nós ali não tinha muita era uma, duas, no máximo, mas meu avô sempre pegava a lã de outros que tinham e outros que não usavam também. Porque agente tinha ovelha ali, daí esquilava, meu avô fazia, e ele também trabalhava como esquilador na região, nas cabanha da volta e já usava a lã pra fazer coberta, travesseiro, os colchão fazia tudo. Lido com lã desde pequena, as mulheres sempre trabalhavam com lã, a minha vó fazia beneficiamento, lavar, abrir, o crochê a minha vó não fazia, as filhas sim faziam tudo essas lida do bordado e coisa. As vezes vinha as minhas tias, ai fazia aquele mutirão ali, até mesmo a vizinhança também fazia mutirão lavavam lã, faziam tudo, quando tinha muita lã, quando era um velo só não. A mãe e a vó, todas faziam, mas naquele tempo era só pra gente mesmo, não era pra vender. Faziam, trabalhavam mais no tricô, com tear eram poucas que trabalhavam, no tear tinha uma vizinha a Dona Celina que ela trabalhava, ela fazia xergão, mas nós mesmo na minha família naquele tempo era só tricô, algumas faziam crochê, mas muito poucas. Depois a minha mãe começou a trabalhar com tear de parede, com xergão e cobertor, as peças de roupa era tudo no tricô ou no crochê. O fio a minha mãe fazia, as minha tias, a minha vó era mais pra mandar, a minha vó nessas parte de artesanato assim, de trabalho manual ela não fazia, ela só ficava na comida, bom a costura ela costurava é um trabalho manual. Fio eu já era mocinha, o tricô eu aprendi com nove anos, agora mexer na roca assim, era só gente grande, criança não podia mexer, que nem na maquina de costura da minha vó, era só pra olhar de longe. Cardar, abrir, lavar isso fazia, estender, ficava aqueles arame cheio de lã. Faço todo o trabalho da lã e o fio utilizo ele no tricô, trabalho no tricô, feltragem, jacquard.”

Fazendo uma leitura atenta à narrativa da dona Cenilza, percebemos que o caminho da lã tem inicio do campo com a criação de ovinos, uma atividade pecuária que envolve pequenos agricultores familiares. Diversos cuidados estão envolvidos na criação dos animais como melhoramento genético do rebanho, fazendo a seleção de animais evitando cruzamentos, pois cada raça tem um tipo determinado de lã, cuidados em relação à alimentação e tratamento de doenças parasitárias, cuidado com as fêmeas na gestação, assim como o momento propicio para a esquila. Tudo isso influencia a qualidade e a quantidade da lã que o animal vai produzir durante a sua vida. Assim como sol, a urina, os excrementos, influenciam na coloração da lã, pois a camada de lã mais externa, vai ficar mais queimada, do sol, a lã mais

próxima as genitais também vai apresentar variação na cor. As artesãs dizem que um mesmo velo retirado de uma mesma ovelha pode conter mais de uma tonalidade. As impurezas na matéria – prima influenciam na escolha da lã e na fabricação da peça.

A obtenção da matéria – prima, neste caso a lã, é feita através da tosquia da ovelha num contexto rural e envolve uma relação e engajamento com o animal. Denominada esquila, essa atividade é realizada em determinado período, no início da primavera quando as temperaturas começam a aumentar e também quando o animal já estará com uma quantidade de lã maior, esse processo é uma forma de propiciar o bem-estar do animal, assim como abastecer o mercado da lã. A lã que foi produzida este ano será utilizado para a produção artesanal do ano seguinte. Pois essa lã termina de ser retirada em dezembro e meados de janeiro.

“A tosquia é uma vez no ano, mas na verdade sempre tem, na cooperativa sempre tem qualquer época. A lã branca agente compra lá, a lã escura agente ganha, compra, a maioria é ganhado, porque não vale nada a lã escura eles preferem dar, botar fora do que vender.”

Há dois modos de esquilar, a manual “esquila a martelo”, que é a forma tradicional de retirada da lã da ovelha, onde usa-se uma tesoura de tosquia, ferramenta feita em aço composta por duas folhas, a denominação é devido ao som das tesouras ser característico de martelos batendo. Em geral, estas tesouras são construídas pelos próprios esquiladores e, como um artefato familiar, são passadas as gerações futuras. As peças que não mais se adequam à esta atividade tem suas laminas reaproveitadas, usando o termo de Ingold, voltam a vida como facas. Um esquilador tem que ter habilidade no manuseio da sua ferramenta, e esta competência é adquirida como passar do tempo através da prática e um conhecimento transmitido através das gerações. A perícia no momento da feitura da tosquia vai determinar a qualidade da lã para o artesanato.

O próximo passo é a classificação e o embolsamento da lã que vai ser selecionada para comercialização e utilização no artesanato. Envolve grupos de trabalhadores que são contratados pelos produtores somente nessa época, são chamados de comparsas. A classificação da lã pode ser feita pelo próprio produtor, na qual essa lã dependendo da quantidade é utilizada para o uso da

propriedade, na confecção de tapetes, xergão para montaria, cobertas, outros produtores vendem essa lã diretamente para artesãs que vão até a propriedade no dia da esquila para selecionar pessoalmente a melhor fibra para os seus trabalhos artesanais. O artesão adquire este material diretamente com os produtores de ovinos, que são vizinhos, amigos ou conhecidos que oferecem essa lã diretamente aos artífices. Nessa compra direta o artesão consegue escolher os melhores velos em relação a cloração, textura, cheiro, impurezas, finura da lã para o seu artesanato. Em alguns casos parte do pagamento para o produtor se dá por meio de trocas em peças tecidas. Assim como também pode ser adquirido na cooperativa de lã, sendo comprada em velos sujos ou também em tops na qual a lã vem pronta para fazer o fio. E há aqueles que vendem direto para a cooperativa.

Seguindo o fluxo da matéria-prima, é feita a lavagem para retirar a gordura natural, terra, vegetais que estão aderidos a fibra, podendo ser realizada com água e sabão, um procedimento feito repetidas vezes até que lã esteja limpa por completo.

“A lã agente pega, separa os garreios e lava, agora agente tá lavando por pedaços, lava as costas, em cima assim pra tirar a lã melhor pra fazer roupa e agente faz com a parte das costas da ovelha que não pega sujeira, a maioria dos garreio se bota fora né, aí agente perde 30% da lã, muitas vezes não dá pra aproveitar muitos não presta, as vezes agente aproveita no xergão, quando dá pra aproveitar.”

“A lã assim de preferência agente lava toda ela no verão, seca mais rápido, na verdade agente trabalha o ano inteiro, porque agente lava e tem que fazer todo o outro processo, fiar e depois trabalhar. Agora a máquina de lavar ajuda a centrifugar, aí seca mais rápido. A lavagem tem que ser manual, só a centrifugação pode ser na máquina, a lã demora muito a secar.”

Cada artesã tem sua forma peculiar e fazer a lavagem, umas preferem deixar de molho na água quente em um tanque ou balde, mas não fervida, um dia inteiro, logo lava com sabão neutro e enxágua em água corrente, enquanto outras preferem usar sabão em pó. Entretanto, as artesãs mais antigas dizem que o sabão em pó deixa a lã quebradiça, logo terá um fio de baixa qualidade, sem resistência. Ainda há as usam detergente neutro e bicarbonato amônio, a lã é colocada em um tanque juntamente com esses produtos e em seguida despeja também água quente, mas não fervendo utilizando um cabo de

madeira que servirá para movimentar a lã e facilitar que a sujeira solte da lã, em seguida retira-se desse tanque e ela deve ser levemente friccionada enquanto enxágua em água corrente, depois de feito isso é colocada para secar ao ar livre.

“Depois de lavar ela e seca agente tem que abrir pra tirar o resto da sujeira que ficou. Lava com detergente e água morna não pode ser fervendo a água, tem que ser morna pra não feltrar e também não pode mexer muito. Tem só que dar umas mexidinhas nela, bota dentro de um balde, ai bota detergente e água, e dá umas mexidinhas nela, não muito forte as mexidas, tem que ser devagarzinho pra não estragar a lã, se agente der uma mexida muito forte já se foi a lã, ai perde.”

Seca a lã, chegamos a mais uma etapa do caminho que é o cardemamento. Cardar é uma forma de pentear a lã, possibilitando a retirada de nós que ficam na lã, assim como algumas impurezas que não saíram na lavagem, podendo ser feito através das cardas manuais ou cardas de tambor. A carda manual é composta por duas escovas de madeira em que as cerdas são de fios de aço, utilizando as duas fazendo movimentos em sentidos opostos consegue deixar a lã com a fibra desembaraçada. É um instrumento durável se forem tomados alguns cuidados. Já a carda de tambor é uma base de madeira e cada extremidade tem uma estrutura onde se fixa dois tambores rotativos revestidos por cerdas de fios de aço, esses tambores são acionados por uma manivela que há ao lado de uma extremidade lateral, colocasse as mechas de lã presa entre os tambores que quando movimentados deixem a lã penteada, permitindo deixar as fibras no mesmo sentido. Ambos materiais são adquiridos de fora da cidade, pois na localidade não se encontra a manta que tem os “dentes” de aço e custo elevado.

“Depois dessa etapa de seca, tem que abrir pra tirar o resto da sujeira, ai depois agente carda, depois da lã penteada em pastas, vai e faz o fio na roca e vamo pra peça.”

Devidamente cardada é o momento de transformação em fio. O fiar pode ser feito nas rocas manuais, rocas elétricas ou no fuso. A mais utilizada é a roca de pedal, geralmente é uma mesa de madeira apoiada sobre uma base, com uma roda de ferro montada numa das extremidades, está é acionada por um pedal, que movimenta a roda, que fia e enrola o fio. As rocas são construídas pelas próprias artesãs, algumas aprendem a construir através de tutoriais na internet

ou olhando como é a estrutura da roca de outra artesã. Evidenciando que estes saberes estão em circulação e não fechados em si, numa constante relação entre materiais e ambiente.

Do fio pronto para o tingimento, necessário para se obter mais variedades nas tonalidades de cores, pois a lã de ovinos oferece tonalidades de velo branco, marrom e cinza. Esse processo pode ser realizado com produtos químicos, que oferecem diversas tonalidades. Mas também pode ser feito o tingimento natural, que é muito utilizado pelas artesãs da localidade. Elas usam ervas que tem disponível no ambiente onde vivem, como carqueja, erva-mate, macela, cochonilha, como também a casca da cebola, beterraba entre outros. Elas fervem as cascas ou a erva de chá, após fervida tira esse material, mergulha a lã primeiro na água fria, depois coloca na água com tintura e deixa ferver para pegar a cor, coloca-se vinagre e sal para firmar a cor, deixando a água do tingimento esfriar com a lã.

Lã tingida pronta para ser tecida! Entram em cena os teares, que darão forma aos fios ou a agulha de crochê no caso do *jacquard*. Existem diversos tipos e tamanhos de teares, são adquiridos prontos, podem ser herdados ou mesmo construídos pelas próprias artesãs. Tem tear de prego, dentre os teares de prego tem o retangular para fazer peças como poncho, xergão, tapetes, também tem o tear de prego circular especialmente para fazer boinas e peças neste formato, tem o tear de prego hexagonal, as peças feitas neste tear formam tecidos que parecem uma teia de aranha, a artesã que trabalha nesse tear conta que a técnica é indígena, denominada Nhanduti que significa “teia de aranha”. Há também o tear de parede, que as artesãs chamam de tear rústico, tear de pente, estes teares na sua grande maioria são feitos em madeira.

Peça pronta e o caminho continua! Buscou-se evidenciar, seguindo as ideias de Ingold é a primazia aos processos de formação ao invés somente do produto final, que é a peça de lã pronta, bem como aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria. Conforme o autor, em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não apenas entre a matéria e forma, reduzida ao modelo hileomórfico ou somente a substância e atributos, mas se dá entre materiais e forças. Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do

cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas (INGOLD, 2012, p.26). Neste caso, do artesanato em lã, trata-se de como os materiais envolvidos na confecção da peça, bem como a relação humano e não – humano para obtenção da matéria – prima estão entrelaçados e gerando este artefato final.

CROCHÊ EM JACQUARD: TÉCNICA, SABERES, RELAÇÕES

Dentro desse emaranhado de técnicas, saberes, conhecimentos, temos a técnica artesanal crochê em *jacquard*, que é desenvolvido na localidade de Jaguarão/RS. O crochê em *jacquard* é uma técnica que consiste no trabalho artesanal, feito com lã natural, ou seja, não industrializada onde são utilizados dois ou mais fios de lã com cores diferentes, realizado no crochê, originando a formação de desenhos e estampas variados durante o entrelaçamento dos fios, as estampas são realizadas a partir de gráficos de ponto cruz.

“O jacquard ele é feito, é começando coma corrente e a correntinha é do tamanho da peça, se vai fazer um pala tem que ser a correntinha do tamanho da peça e é carrero só de ida, a gente chega no fim e arrebenta e volta, volta com a outra cor ou a mesma, dependendo do teu desenho. É só cuidar pra botar sempre a mesma quantia de fio pra não ficar bico, e vai fazendo, o fio tem que estar sempre no primeiro ponto e não no nó. Fio conduzido é quando tem a mudança de cor, que o fio da outra cor fica por baixo, aí tu vai conduzindo ele até chegar na altura do teu desenho e o segredo maior do jacquard é quando tu vai trocar de linha, aí tu já fecha o ponto com a cor que tu vai mudar e é sempre assim. Tem que ser os fios também sempre da mesma espessura se não da diferença no teu trabalho, se tu colocar um fio fino e um fio grosso ele ai ficar deformado. O desenho vai contando os pontos que tem no gráfico. Esse é o ponto baixo (crochê comum) ele é todo feito em ponto baixo, é tu puxar a laçada, aí fica com duas laçada na agulha e fecha as duas com uma outra laçada.”

A origem do artesanato em crochê jacquard na cidade não há como precisar, o que há são relatos de que a técnica chegou a região por meio de feiras francesas e sobrevivendo aos tempos por conta das famílias que continuaram transmitindo a técnica. Então desde o ano de 2004 com a constituição de uma Associação este artesanato ganhou visibilidade, pois artesãs que detinham a técnica uniram-se e começaram a passar esse saber/fazer para outras mulheres. A artesã Nilma relata que aprendeu a fazer artesanato em lã com a

mãe, mas a técnica do *jacquard* aprendeu com outra artesã, que havia aprendido com a avó e mãe.

“O jacquard em Jaguarão o ano não tenho idéia, o que contam ai que através das freiras, uma freira que veio da França e que começou a passar o jacquard, a quanto tempo isso não tenho idéia, mas diz que é, e tem varias pessoas que fazem a dona Nilza, a Carlota, a Vivika, a Elci acho que não faz jacquard, só tear, a Dona Neli acho que faz também. Essas são as que fazem, agora já são poucas que fazem, muitas fazem mas não trabalham com essa lã, trabalham com lã sintética”

Esta técnica se destaca como característica do local. Um processo que envolve conhecimentos, relações que começam com os animais. Essa técnica começou a ser percebida como única, a partir do momento que as artesãs constituíram uma Associação e começaram a participar de feiras e exposições no Estado, a partir disso perceberam que não haviam artesãs ou grupos de artesãs de outras regiões do Estado que fizessem o crochê em *jacquard*, pois o artesanato em lã comumente é tecido em teares, e o jacquard as peças são tecidas com agulha de crochê. A partir disso perceberam que este conhecimento precisava ser preservado e assim se deu início a formação de uma rede em busca de preservação e desenvolvimento desse conhecimento. Constituindo uma relação de reciprocidade, que segundo Sabourin (2011, p.32) essas relações “geram valores humanos” que sustentam a rede.

É uma atividade desenvolvida por mulheres que aprenderam com suas mães e avós, sendo transmitida através das gerações, que na sua grande maioria é oriunda do meio rural, na qual experienciaram um modo de vida em que aproveitavam tudo que cultivavam e criavam. Com a criação de ovinos, usavam a carne e a lã, dessa lã as mulheres faziam varias coisas, como vestimenta e utensílios para o consumo da família, essas artesãs inseridas no meio urbano, permanecem fazendo esse artesanato buscando passar esse conhecimento ensinando para outras mulheres, seja no circulo de amigas e vizinhanças ou também por meio de cursos oferecidos pela Associação dos Artesãos de Jaguarão, Emater e Senar que se configuram como uma malha de relações que se empenham em ampliar e desenvolver mais esse saber-fazer.

TECENDO IMAGENS







CONCLUSÕES

O artesanato em lã se constitui a partir de diferentes técnicas, conhecimentos disseminados pelo Pampa Brasileiro e o *jacquard* se configura como uma dessas técnicas e que particulariza a localidade de Jaguarão. Seguir os caminhos da lã implica em compreender uma grande variedade de técnicas de confecção, e o seu Universo inclui rocas manuais e rocas elétricas, cardas manuais e cardas de tambor, diversos tipos e tamanhos de teares, materiais que são adquiridos prontos, herdados de geração em geração, assim como, também, construídos pelas próprias artesãs e artesãos. São diversos elementos que constituem esse bem cultural que formam um “agregado de fios vitais” (INGOLD, 2012, p. 29) que se entrelaçam a partir de relações, encontros e trocas.

É um saber que se revela na relação entre humanos, coisas e ambiente. Tim Ingold coloca que “estas interacciones se realizan mediante campos de fuerzas y em los flujos entre cuerpos y los materiales com los cuales se trabaja según una serie de acciones y procesos (INGOLD, 2010, p.91). Portanto este conhecimento não é inerte, fixo está em movimento, experienciando um sucessivo desenvolvimento em função das suas diversas relações.

Um conhecimento que é alcançado a partir da experiência, vivência com o mundo vivido, que se amplia ao passo em que novos caminhos e relações com os materiais são colocadas. E esse engajamento possibilita pensar os materiais mais do que simples objetos resultante da ação humana, além da sua funcionalidade, e assim reconhecê-los como coisas que são parte da vida, pois estão todos no mesmo mundo, animais, coisas, pessoas e fazem parte deste. Dessa forma evidenciando a complexidade e diversidade implícita na materialidade, em que tudo está em relação, misturadas e emaranhadas.

Além disso este saber-fazer esta em processo de patrimonialização, por isso se revela a importância em trazer a vida esses objetos envolvidos no processo desse artesanato. Esses materiais utilizados no processo artesanal envolvem diversas relações que se constroem no caminho, no fluxo da vida. Então é importante seguir os materiais, pois nos possibilita compreender essas

relações que se evidenciam através dos conhecimentos que são transmitidos, compartilhados e aperfeiçoados nas experiências dessas artesãs.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Denise Y. y Elvira Espejo. **El textile tridimensional: la naturaleza del tejido como objeto y como sujeto**, La Paz, 2013.

EGGERT, Edla. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, 2012.

_____. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2010.

_____. Writening text, reading materials: A response to my critics. *Archaeological Dialogues*, 14, pp 16-20. cambridge

_____. The perception of environment: **Essays in Livelihood, Dwelling and Skill**. London/ New York, Routledge, 2000.

KOSBY, M.F.; SILVA, L.B.M.D. INRC – **Lidas campeiras na região de Bagé/RS**: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa. *Revista Perspectivas Sociais*, v. 2, n. 1, 2013.

LATOUR, Bruno. Políticas da natureza: **Como fazer ciência na democracia**. Bauru, EDUSC, 2004.

_____. **“A ecologia política sem a natureza?”**. In: Projeto História, n. 23, 2001.

LODY, Raul Giovanni. **Artesanato brasileiro**:Tecelagem. 1. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, ano 13, nº 27, p. 24-51. Porto Alegre, 2011.